

Notícias de Guimarães

Ano 15.º N.º 759
GUIMARÃES, 7 de Julho de 1946
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4319
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Por ocasião das Festas GUALTERIANAS vai realizar-se o sensacional CONCURSO DE FACHADAS, com três prémios no valor de Esc. 1.500\$00, 1.000\$00 e 500\$00, para as Fachadas melhor classificadas pelo Júri. De esperar é que os Vimaraneses adornem, com arte e gosto, as Fachadas de suas casas, imprimindo, desse modo, à Cidade em festa um tom de graça e oferecendo a quem nos visita mais um atractivo por certo cheio de encanto.

S. TORCATO (RELÍQUIA DISPUTADA)

Em um airoso outeiro incrustado numa paisagem verde existiu, há um rol de anos, um recolhimento de monges beneditinos. De entre eles um frade humilde, de nome ignorado, todas as vezes que ia tanger a Martinhas via brilhar em um matagal fundeiro uma tremulina de luzes.

Encantado daquele espectáculo que promanava do mistério das sombras, a sua alma enlevada em ascese religiosa tomou aquele rebrilhar de lumes por um aviso celeste.

E foi, alvoroçado, chamar os seus confrades para que, como ele, participassem da ascética grandeza daquela maravilha.

Todos vieram, acorrendo à varanda solheira que ficava por sobre a crasta, dirigindo olhos perscrutadores para o fundo do vale que o frade humilde lhes apontava: — Oh!... E' ali!...

Sómente os outros monjes, talvez porque não tinham a ajudá-los o mesmo foco de visão interior, nada viam, nenhum sinal de luzes fosforescentes, nenhuma réstia de claridade luarina, que fendesse o escuro da noite. Ainda assim, perante a insistência do companheiro que, à mesma hora e todas as noites, contritamente jurava, por sua fé, presenciando o mesmo estranho fenómeno celeste, a comunidade freirática achou prudente ir, acompanhada de irmãos leigos, cavar o chão adusto, pois bem podia tratar-se de tesouro divino.

Abriundo caminho por entre silvas, giesteiras, matos bravos, logo duros ferros entraram de cavar na brenha espessa.

Nisto, a um golpe mais fundo, surgiu — o maravilhoso do Céu! — um corpo de homem, calcinado e terroso, mas incorrupto.

Em verdade, não havia dúvida, perante a evidência do caso singular. Aquele corpo sobre o qual nada pôde a química destruidora da terra, seria o envólucro da alma de um Santo.

E logo os doutos das sagradas teologias revolvendo velhos infolios e cartapácios, proclamaram à Cristianidade — que aquele varão justo «vestindo uma samarra cor de tijolo e que tinha ao lado esquerdo, na sua cova, um pau ou cajado tosco, outro não era que San Torquade, mártir e bispo da Igreja.»

A este apregoador conciliábulo juntara-se a voz-poplul, repetindo e fazendo ecoar de quebrada em quebrada a boa nova.

Seguindo a réstia desta alvorada divinal, logo um veio de «água salutífera» brotara ali, no meio do matagal, fazendo correr àquela sagrada linfa caudais imensos de gentes crédulas. De tal modo e maneira foi crescendo este marulho de almas devotas, que, ao sarcófago de pedra onde a preciosa múmia se expôs em veneração, os ex-votos e as oferendas de ouro e prata cresciam, cresciam, na proporção dos milagres do celebrado Santo.

No burgo de vimaranes vivia e medrava, em fastigio e riqueza, a Colegiada de Santa Maria de Guimarães. Posto em Cabido o caso notável da existência da sagrada múmia, um arguto parecer entendeu que ela não devia de ficar entre gentes rurais, bronzas e simplórias, pois mais brilharia se fosse trazida para o coração do burgo, posta no templo de Nossa Senhora da Oliveira.

Acolhida com aplauso esta supina ideia, logo por boas artes do D. Prior, junto da corte, foi alcançada Carta Régia de el-rei D. Manuel, na qual se lia: «Cónegos da Igreja de Guimarães — Eu Vos envio muito saudar: Fazemo-Vos saber, que Nós havemos por bem que o corpo do Bemaventurado San Torquato seja trasladado à igreja Colegiada dessa Villa, e posto

em o lugar onde ao Prior parecer bem o qual levará o Breve para a dita trasladação se fazer.....»

Este Breve seria aquele onde o Papa Sixto IV outorgara à Colegiada jurisdição eclesiástica sobre as terras de Santa Maria de San Torquade, em 1474.

Assim apetrechados os dignitários da insigne e real Colegiada, logo entraram de projectar o acto solene da trasladação.

Em uma serena tarde outonal do ano de 1501, longa procissão se formou, composta dos religiosos dos mosteiros, dignidades da nobreza, homens da governança, clérigos do vasto termo, e uma trintena de cónegos.

A esta longa teoria sacra seguia-se o povinho da terra, nuina cauda interminável.

Chega o cortejo processional perto do Mosteiro Velho, onde junto à Cruz da Galharda surge multidão de povo, em sussurro vozeante.

Que significaria uma tão inesperada recepção por parte do povo da freguesia e mais vizinhos daqueles lugares?

E' um escritor de 1669 que assim explica o recontro: «... Havendo debates de uma e outra parte, fizeram os lavradores seus protestos... e insistiram em que primeiro perderiam as vidas do que deixar levar o Santo Corpo; pois estava entre católicos com toda a veneração, e não entre gentios que o desacatassem.»

De todos, porém, o argumento mais forte, mais convincente, era aquele que o povo do lugar e seus vizinhos mostravam aos cónegos dialogantes: os chuços, as fources roçadoras com que estavam armados.

O cónego Gaspar Estação, insigne membro da Colegiada e escritor douto, continuando a alimentar o sonho da sua corporação eclesiástica, por este modo escrevia, estimulando um novo cometimento: «... Não se tarde mais na execução desta obra, pedindo ao glorioso S. Torquato, que haja por bem deixar o ermo, e vir-se empossar desta Vila... dos corações deste povo, para dele ter a honra que se deve a suas Santas Relíquias.»

Fazendo o panegírico do culto na Colegiada, acrescentava: «Que capelas de flores se lhe podem oferecer, lá onde jaz, que se comparem com as espirituais e perpétuas coroas de orações... psalms, hinos, danças pastorais... que a Igreja Santa a este propósito tem ordenado?...»

O culto das gentes simples e rústicas, valia menos que o culto faustoso da Colegiada, no ambicionado parecer de Gaspar Estação. E' que o autor do «Várias Antiguidades de Portugal», sabia este autorizado conceito de Santo Agostinho: «As relíquias honram não só as igrejas, mas também as cidades.»

Igualmente estava no mesmo pensamento o cónego Mestre Escola Rui Gomes de Gólias, a quem um outro monografista de Guimarães atribue o piedoso furto de um osso arrancado «do Santo Corpo» por ocasião da visita de 1637, — «um osso de um pé, sem ser visto de muita gente que ali estava.»

Esta relíquia de S. Torcato na posse, durante anos, da família do cónego Rui Gomes de Gólias, com residência na Rua Val de Donas, foi solenemente trasladada para o Tesouro de N. Senhora da Oliveira, em 1662, «sendo heijada por todo o Cabido, beneficiados, nobreza e povo que presente estava.»

E foi tudo quanto puderam alcançar, escondidamente, por furto, os cónegos da insigne e real Colegiada — que sempre sonharam haver em sua posse a venerável múmia do Santo.

Porto.

A. L. de Carvalho.

A Romaria Grande

Eu não sei se te lembras, meu amor,
Quando fomos os dois à Romaria?...
Que domingo de sol e de calor!...
Que bruhá de coisas, de alegria!...

Entramos na capela e, com fervor,
Como quem canta de alma uma elegia,
Rezaste a S. Torcato e ao Senhor
Que num altar, do lado, nos sorria...

No mar do arraial ondas de gente
Ali se reboavam doidamente
Em gritarias loucas, estrondosas...

Vimos lóðões de roda, em furacão,
Vimos lindos Andor's na Procissão
E Anjos de asas leves como as rosas...

Junho de 1946. DELFIM DE GUIMARÃES.

PELA PENHA! PELA PENHA!

Aproveitando o ensejo de se acharem reunidos, na segunda-feira passada, na Penha, alguns devotados amigos daquela Estância, à frente dos quais se encontrava o seu nome prestigioso e a tantos títulos respeitável, o muito ilustre Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, senhor Comendador Alberto Pimenta Machado, quis assinalar aquele acontecimento, oferecendo, para obras, a importante quantia de Vinte Mil Escudos, o que, feito embora muito discretamente, deu ensejo a que uma vez mais fossem postas em merecido relevo as nobilíssimas qualidades do benemérito a quem a Estância da Penha deve já inapreciáveis serviços.

Em manifestação singela, embora, mas repassada de gratidão, repicaram festivamente, nessa hora alta em que nos foi dado penecerar tamanho gesto de dedicação, os sinos do campanário da Penha, e foi mestre José de Pina, obreiro incansável e persistente da Montanha encantadora, quem soube traduzir, na voz alegre dos sinos, o reconhecimento de todos quantos igualmente trabalham entusiasticamente com o fim de verem cada vez mais engrandecida a Penha altiva e bela!

Bem haja, mil vezes bem haja, senhor Comendador!

Porto, 3-7-46.
Armindo Peixoto.

O Grande Hotel GUIMARÃES, BERÇO DA NACIONALIDADE

Como vimaranense, é com o maior interesse que acompanho as notícias referentes a este grande melhoramento que constituirá mais um valioso serviço que Guimarães fica assim a dever à família Jordão. Este será, sem dúvida, da maior importância, porque marcará o maior passo no progresso da cidade.

A transformação do grandioso Palácio de Vila Flor em hotel de categoria com todas as comodidades, valerá como elemento turístico e comercial de primeira ordem.

Uma vez realizado o restauro do Palácio dos Duques de Bragança, em que está empenhado o governo do grande estadista Dr. Oliveira Salazar, e que ficará um dos mais grandiosos de Portugal, e completa a parquização à volta do venerando Castelo e bem assim a do Campo de S. Mamede, obra a que tão dedicadamente se devotou o ilustre Presidente da Câmara Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Guimarães ficará, decerto, a cidade melhor apetrechada de Portugal, sob o ponto de vista turístico.

Esse majestoso hotel deve ter um salão de jantar grandioso, de modo a poder comportar grandes banquetes.

Lembra-nos que ainda no mês passado 200 sócios do Ateneu Comercial do Porto foram realizar um banquete a Familiarção, atendendo à circunstância desta vila possuir um hotel com bem-estar, conforto e capacidade suficiente para tal.

Deve também possuir um grande dancing, que servirá, ao mesmo tempo, para refeições ao ar livre e chás dançantes, requisito muito especial para estrangeiros quando no gozo das suas férias.

Não deverá esquecer a maior plantação de tília, cuja sombra é a mais apreciada para as refeições ao ar livre.

Assim, os seus proprietários, a quem desejo as maiores felicidades, terão no seu êxito a melhor recompensa dos seus grandes esforços.

Porto, 3-7-46.
Armindo Peixoto.

A origem do seu nome, que se perde no fundo dos séculos — As lutas contra os mouros na Península e a independência do Condado Portucalense, ou seja a fundação de Portugal — O motivo que ditou esta descrição.

Por Correia Varela.

(Descrição feita ao microfone da Rádio Vera Cruz, do Rio de Janeiro).

Vimaraneses, assim se chamam os filhos da cidade de Guimarães e na razão deste nome vamos encontrar também a razão do nome da cidade, Guimarães, derivado de Vimaranes.

Antes disso, porém, existiu uma outra Guimarães que alguns historiadores dizem ter sido fundada 1300 anos antes da era cristã, outros que tem a sua idade apenas 500 anos e ainda outros, 200 e poucos. Esta primitiva cidade se teria chamado "Araduça", "Araduz", ou simplesmente "Arzuza", nomes célticos que significam "cidade das letras". A cidade, que nessas remotas eras teria sido importantíssima era de fundação dos célticos. Chamou-se depois "Leobriga", nome também céltico e mais tarde "Columbiana".

A actual cidade de Guimarães não tem relação alguma com esta antiquíssima cidade porque tudo isto desapareceu. Fica-se apenas sabendo que antes da que deu origem à actual, ali ou melhor, perto dali, existiu uma outra cidade de que não ficaram vestígios mas que foi também muito importante naquela época. Vejamos agora a origem da actual e do nome "Vimaranes".

A este, ao nome "Vimaranes", se atribuem várias origens: 1.º — Que fôra reedificada por um guerreiro chamado Vimarano, irmão do rei godo D. Fruela, no século 8.º e que lhe dera o seu nome. 2.º — Que fôra um guerreiro celta, também chamado Vimarano mas não irmão do rei D. Fruela e que este lhe dera o nome de Vimaranes (filha de Vimarano). 3.º — Que fôra um conde governador de Entre Douro e Minho igualmente chamado Vimarano o qual lhe pusera também o seu nome. 4.º — Que o nome lhe vem derivado de "Via Maris", (via marítima) nome posto pelos romanos, porque passava por aqui uma estrada que, vinda de Braga, se dirigia ao mar. Esta opinião é muito aceitável, mas parece não ser a verdadeira. O que é certo e é esta a opinião dos historiadores mais autorizados, é que, no ano de 929, existia no local da antiga Araduça uma povoação (acreditando-se que fosse uma simples quinta ou propriedade) chamada "Vimaranes", e que nesse ano pertencia e aqui fixou residência uma senhora chamada Mumadona, a qual mandou construir um mosteiro ali perto, mosteiro que dedicou a S. Salvador do Mundo e depois a Nossa Senhora da Oliveira, mandando construir mais tarde também uma torre ou castelo para defesa do mosteiro, onde ela pretendia recolher-se depois de viúva o que de facto se deu. Foram este castelo e mosteiro que deram início à actual Guimarães e foi Mumadona, portanto, a fundadora da cidade, futuro berço da nacionalidade porque logo que enviou, se transferiu para o mosteiro e junto deste e do castelo se começaram a construir residências para os habitantes da quinta de Vimaranes que para ali se transferiram também e que eram, na sua maioria, famílias dependentes daquela senhora. O seu nome era Muma mas o povo, ou porque era uso naquele tempo ou por outro qualquer motivo, em vez de a tratar por D. Muma (D. Muma), tratava-a por Muma dona e daí lhe ficou o nome de Mumadona, havendo até quem escrevesse D. Mumadona.

Era tia do rei D. Ramiro II, de Castela, e mulher de D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, grande guerreiro, conde de Tuy e do Porto, que venceu o rei mouro Almagor (o mais temível dos reis mouros que invadiram a península) quando este se quis apoderar do Porto, ferindo-se então uma das maiores batalhas de que nos fala a história, no local que, em memória dessa campanha ainda hoje se chama Campanhã, e foi tal a mortandade entre os mouros que o rio que ali passa se cobriu de sangue e por isso o nome lhe ficou e ainda conserva, de Rio Tinto. Morto o conde Hermenegildo, é provável que os mouros cometessem novas tropelias e o próprio rei Almagor, que era rei de Córdoba, no ano de 998 destruiu várias terras, inclusivé a própria Vimaranes, que logo foi reconstruída.

No ano de 1068, vem para Espanha o fidalgo francês, filho do conde de Borgonha, D. Henrique para combater os mouros ao lado de D. Afonso VI (o Grande), rei de Castela, Oviado, Portugal e Galiza e Imperador das Espanhas, e tais mostras deu do seu valor guerreiro que, este rei, em recompensa dos seus serviços lhe concedeu o título de conde, o maior daqueles tempos, logo abaixo de rei, dando-lhe também em casamento a mão de sua filha, a mais nova e predilecta, apesar de bastarda, D. Tereza ou Tereja

Embaixatriz de Inglaterra

Acompanhada de gentilíssimas senhoras portuguesas e inglesas, visitou o Museu de Alberto Sampaio, na passada quinta-feira, a pessoa ilustre da Senhora Embaixatriz de Inglaterra, que é, do mesmo modo, uma ilustre escritora, com lugar marcante na acção científica e literária da Gran-Bretanha.

Entrando no nosso distintíssimo Museu de arqueologia artística, a Senhora Embaixatriz principiou por dizer que, frequentadora dos mais notáveis museus do Mundo, sentia particular interesse em visitar os museus de província, nos quais, em geral, se encontrava o maior número de peças raras, dentro de um ambiente de carinho e espírito de captação, que aliás o formalismo dos grandes museus negava em absoluto...

Durou cerca de duas horas, em virtude do exame aturado feito às peças da nossa grande colecção medieval, a visita da talentosa Senhora. Com uma alegria verdadeiramente familiar e singela, a Senhora Embaixatriz descansou por uns momentos, posto o que partiu, com destino à Penha, mas não sem que tivesse dito, ao despedir-se, estas emocionantes e sinceras palavras, dirigidas ao Sr. Director do Museu: — Dizem-me estas Senhoras que é a V. Ex.ª que se deve a reunião e organização deste Museu. Receba os meus mais impressionados parabéns!

Está a decorrer, com imponentia, a ROMARIA GRANDE DE S. TORCATO

Está a decorrer desde ontem de manhã, com grande afluência deromeiros, vindos de longe muitos deles, e com a maior solenidade e muita pompa litúrgica, a Romaria Grande de S. Torcato, que hoje prosseguirá conforme programa que em devido tempo publicámos.

Aos actos religiosos preside o Venerando Primaz das Espanhas, D. António Bento Martins Júnior, que ontem à tarde, perante numerosa e distinta assistência, procedeu à bênção

do Santuário e presidiu à imponente cerimónia da trasladação do Milagroso Santo para a nova urna de cristal em que fica desde agora, no Santuário, à veneração dos fiéis.

A todos estes imponentes actos nos referiremos no próximo número, o que não podemos fazer por agora devido ao adiantado da hora a que terminaram as cerimónias.

Hoje será o dia grande da Romaria, justamente considerada uma das maiores do Norte do Paiz, esperando-se que

seja enorme a afluência deromeiros.

Todos os largos e arruados ostentam vistosas decorações, havendo os costumados festejos públicos a par de esplendorosas solenidades religiosas que concluirá com uma majestosa procissão e uma sole-nar adoração.

FARPAS CONTRASTES!...

— O mulher, tu vens tão tarde
E o fogão ainda não arde
Nesta hora adiantada!
— E passei forte calor
No talho regulador
De peixe, sem comprar nada!

Tu não podes calcular!
Se há bicha, para chegar
Ao balcão, é um horror!
Se não há, só é serviço
Quem for manhoso e querido...
Este ou aquele senhor.

— Mas enervam o parceiro!
— E com que nariz de... cheiro,
Que faz enjoar o Zé!
— Quem me dera ser metade
Do que alguém, nesta cidade,
Julga, querida, que é!...

Nunca deves esquecer
Isto que te vou dizer:
Há muita gente, mulher,
Que de tanto *inchar*... rebenta!
— «Presunção e água benta
Cada qual toma a que quer».

Como é linda a humildade!
— Mas então sempre é verdade
Que não trazes um peixinho?
— As tabernas e as pensões,
Os ricos e os *figurões*
Deixaram tudo... limpinho!

— Quando o talho se montou
Fiz-se saber e constou
Que o peixe era para os pobres,
Pois na Praça do Mercado
Havia-o e há, *gelado*,
Para ricos e nobres.

— Mas é o que estás a ver,
Hoje não podes comer
Coisas boas e baratas.
— Nem sequer um carapau?
— Não homem. «Stá tudo mau».
— E contra isto... batatas!

Darmoa.

e como dote de casamento as seguintes terras: Coimbra, Porto, Braga, Vizeu, Lamego, Vila da Feira ou Terras de Santa Maria e as terras compreendidas desde Guimarães ao castelo de Laboreiro, para além de Pontevedra, na Galiza, e quantas fossem conquistadas para o sul, até à margem direita do rio Guadiana, no Algarve — terras que constituíam o condado Portucalense. No ano de 1093, o conde D. Henrique e sua mulher eram nomeados governadores deste condado com obediência a Afonso VI de Castela, escolhendo para sua capital a ainda então vila de Guimarães, instalando a sua corte na velha torre do castelo de Mumadona, onde, a 25 de Julho de 1109 nasceu D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal.

São conhecidas as lutas travadas, tanto pelo conde D. Henrique, como por sua mulher D. Tereza e depois por D. Afonso Henriques para tornarem o condado independente de Castela, sendo a batalha mais célebre a de S. Mamede e o cerco de Guimarães, no ano de 1128, que não foi entre D. Afonso Henriques e sua mãe D. Tereza, como querem fazer crer muitos historiadores, não sendo também verdade que D. Afonso Henriques tivesse prendido sua mãe por esta se rebelar contra a independência do condado. Esta batalha foi para libertar D. Tereza do cerco que lhe havia posto em Guimarães o conde de Trava, justamente por D. Tereza não querer prestar obediência ao rei de Castela, agora seu primo Afonso VII.

A independência do condado Portucalense, que trouxe como resultado a fundação de Portugal, só veio 11 anos depois, em 1139, e cabem a Guimarães as honras, maiores que todas, de ter sido o berço da nacionalidade e o berço do seu primeiro rei.

Esta descrição refere-se apenas à fundação da cidade e como não é possível dizer em uma só descrição o muito que há ainda a dizer de Guimarães, prosseguiremos no próximo domingo. Quero explicar, porém, os motivos que me levaram a falar hoje deste cidade. Passo a expô-los:

O meu velho amigo sr. Augusto Soares é hoje uma figura de grande prestígio da colónia portuguesa de S. Paulo onde, além de outras posições, ocupa o cargo de Secretário Geral da Casa de Portugal. Em carta particular que há dias me escreveu refere-se às descrições de Terras de Nossa Terra e diz: «essas descrições são interessantes, porque revelam a história dessas terras e também quem são os nossos compatriotas filhos dessas terras que aqui no Brasil honram as suas tradições e prestam serviços aos seus patriotas e à sua Pátria, elevando no conceito de brasileiros e estrangeiros o nome de Portugal. Não ouvi nem li até hoje a descrição de Guimarães e, como além de outros, temos aí, no Rio, um vimearense que muito tem honrado a sua terra e o nosso Portugal, e de quem a Casa de Portugal de S. Paulo tem recebido inúmeras gentilezas, pedia-te a fizeste de quando um dia tiveres de falar dessa cidade, não te esqueceres desse illustre compatriota. Deves conhecê-lo: é o sr. Albano de Sousa Guise, chefe e fundador da importante firma Tecidos Ferreira Sousa, Lda.

Creio que o sr. Albano de Sousa Guise não tem conhecimento desta carta. Sei que tem sido um grande benemérito, não apenas da Casa de Portugal, mas de outras instituições daquela cidade e daqui do Rio, a começar pela Casa do Minho, da qual, como bom minhoto e bom português, é sócio benemérito; sei que tem sido um grande amigo de Guimarães, cooperando em todas as campanhas que

Bomba atômica

Segundo as notícias fornecidas pela imprensa de vários países, os resultados da experiência recentemente feita com a bomba atômica não responderam aos desejos dos sábios. Pretendiam os mesmos que o factor destrutivo da referida bomba provocasse maior e mais radical devastação, isto é, que causasse uma destruição em mais larga escala. Nós, que somos inimigos da invenção de engenhos de morte, não nos associamos ao pesar dos sábios que ficaram entristecidos com os resultados da sua experiência, mas, todavia, lamentamos que não se invente uma bomba atômica para destruir o «Mercado Negro» e outros flagelos que atormentam uma parte da humanidade, aqueles que concorrem para o alastramento da fome. Para isto, sim!

A fome, palavra que repugna a todas as pessoas de bom coração, é que precisa de ser combatida por todos os meios ou processos, pois já é tempo de se pensar mais a sério em melhorar o nível de vida social em todo o mundo, designadamente nos países onde a desigualdade entre a abastança e a miséria representa um crime de lesa-humanidade! Há países, entre os quais o nosso, em que a diferença entre o rico mais rico e o pobre mais pobre só pode ser classificada de *cancro social!* Perante semelhante situação, torna-se de absoluta necessidade fazer desaparecer essa diferença e, portanto, os seus

efeitos, a fim de cada ser humano passar a ter um nível de vida em conformidade com a vontade de Deus e com a justiça dos Homens. Quando isso acontecer, poder-se-á, então, afirmar que a fome e a miséria foram destruídas não por uma bomba atômica, mas por uma justa compreensão da consciência das Nações! Oxalá assim aconteça.

A ver se passa...

Alguns proprietários — até agora em número muito reduzido — têm procurado sofismar as posturas municipais sobre a limpeza dos prédios. Mandam limpar, apenas, a parte inferior, deixando o resto entregue a sorte do destino! Fazem lembrar aquele indivíduo que só lavava os pés por serem as partes dos membros do corpo mais em contacto com o solo. Mas, pergunta-se: Estará disposto o Senhor Presidente da Câmara a não fazer cumprir à risca as suas instruções constantes dos Editais que mandou afixar? Supomos que não e, nesse caso, os homens dos pés lavados terão de lavar o resto da *armação*...

Quando aos que ainda esperam passar, mais uma vez, nas malhas da rede, da mesma forma devem estar enganados. O que se encontra determinado — e muito bem — deve ser para todos, sem, por isso, qualquer excepção. Nas malhas da rede do lixo, somente continuará a passar a «Carroça do Correio», a maior e a mais degradante vergonha desta vetusta Terra!

No MEU

CANTINHO

Em 1926 deu a *Parceria* boa edição à *Correspondência* de J. P. Oliveira Martins.

Mais de 100 cartas a mais de 30 Destinatários. Não conheço as Obras do eminente e discutido Derrota, queria dizer Pessimista. Ao ler agora, com vagar bastante, esse precioso tesouro, continuamente me assaltava esta ideia pertinaz: todos os que acham mal a *Obra do Estado Novo* deveriam ler aquelas cartas para conhecerem o Milagre de Administração que faz de Portugal um Estado quase sem par.

As 14 páginas do Prefácio, de Francisco de Assis Oliveira Martins, lêem-se também com muito agrado e acentuado interesse.

Fez um grande serviço a *Parceria!*

Bernardino Vareta. «O *Commercio Portuguez* na actual situação internacional». Conferência no Centro Commercial do Porto em 19 de Julho de 1917.

Só agora pude apreciar o belo volume com interessantes dados do alto Comércio e trabalhos mapas apensos.

Ainda lembrava o grosso tomo «Linha de Rumo» mas não me consta que tivesse reparos nenhuns.

Será vivo o oferente de há 30 anos?

As oito quadras do nosso Elisio, arrancadas ao seu *Poliedro*, deixam água na boca a reclamar o volume na forja e demonstram com larga saciedade que ainda não coube na *Ternura* todo o afecto que lhe merece a sua Eleita.

Feliz Esposa a quem o Canto enleva!

A nossa CASA DOS POBRES

Entrou em nova fase de progresso a nossa Casa dos Pobres, instituição modelar e que é justo orgulho dos vimearense.

O Professor Sr. Mário de Sousa Meneses e o considerado industrial Sr. José Torcato Ribeiro Júnior, em perfeita concordância e dando constantes provas de dedicação por aquela Casa, cujos destinos lhes estão confiados, auxiliados valiosamente por outros elementos directivos, têm-se esforçado por tornar cada vez maior e mais profícua a *Obra* grandiosa que ali se vem desenvolvendo há anos a esta parte em prol daqueles que precisam.

Muito se tem feito ultimamente na Casa dos Pobres, louvado seja Deus! Isso deve encher de alegria todos quantos vêm naquele Estabelecimento uma obra em que se refletem os sentimentos dos vimearense e muito principalmente daqueles — e tantos são! — que têm contribuído para tornar maior e mais forte aquele refúgio dos infelizes, proporcionando-lhes algum conforto, algum bem-estar, alguns momentos de satisfação.

Resta agora que os vimearense continuem a auxiliar, mas de cada vez mais e com maior dedicação, as pessoas que dirigem a Casa dos Pobres, tornando-lhes desse modo meios espinhosos a missão que tomaram sobre seus ombros e que muito as dignifica.

De quem é o cordão de ouro?

A pedido do proprietário da Ourivesaria José Fernandes, desta cidade, em 6 de Abril de 1945 foi ali apreendido um cordão de ouro que um desconhecido tentava transacionar.

E como até à data não apareceu o seu dono, apesar de já ter sido anunciado nos jornais locais, de novo se anuncia o facto.

Se até ao fim do corrente mês não aparecer o seu proprietário, terá o destino que a Lei ordena.

CADELA

No passado mês de Maio desapareceu, do lugar da Pisca — Creixomil, uma cadela de cor amarela-travessa. Procede-se contra quem a retiver. António de Freitas — Creixomil. 195

Rosas e Espinhos! Mercida homenagem a um Desportista

Querida amiga:

Mais uma vez as tuas notícias foram portadoras de grande satisfação para mim, não só porque também mais uma vez soube compreender a minha intenção, como, ainda, pelo que me disseste acerca da tua própria pessoa. De facto, querida amiga M. E., quando a amizade entre duas ou mais pessoas é da natureza daquela que existe entre nós, dificilmente poderá deixar de ser bem compreendida a intenção de qualquer dessas pessoas. E' certo que, por vezes, aparecem certos espinhos de perturbar a marcha da lealdade e da sinceridade, mas nem esses — apesar dos ferimentos que possam provocar — serão capazes de conseguir desfazer o laço dessa amizade, quando, é claro, a ela não se oponha a vontade de Deus. A tal respeito, recordo-me de já haver feito várias considerações em outras cartas, e, portanto, desnecessário será repetir o que já é do teu conhecimento. Porém, como na última carta te falei da felicidade, vem ainda a propósito dizer-te que há quem inveje a felicidade de outrem e que, em face disso, as pessoas que procuram viver felizes podem ser vítimas dessa inveja, se não tomarem, a tempo e horas, as devidas precauções contra a intenção de quem assim procede. O facto de qualquer pessoa possuir a virtude de ser bem intencionada, não quer dizer que não seja perseguida ou, pelo menos, incomodada por outras pessoas, nas quais não se encontram os mais ligeiros vestígios da existência de boas intenções. Quantas vezes, minha amiga, mal intencionalmente se procura roubar a felicidade a quem tem direito a gozá-la! Por isso, se a cada boa intenção apenas pudesse corresponder outra, a experiência da vida não se poderia apresentar o contrário dessa prova de confiança de umas pessoas para outras; mas, infelizmente, o que sucede, com grande frequência, é muito diferente, razão por que com acertada justiça se costuma dizer: «Vem-se caras, mas não se vêem corações!» Isto quer dizer, boa amiga, que a nossa boa fé pode ser atraída por quem, aparentemente, nos parece merecer boa consideração e absoluta confiança. Nada, pois, de julgarmos toda a gente por nós, se quisermos conservar ou manter a integridade da nossa felicidade. Assim como existe o mal do joio entre o trigo, da mesma forma podemos e devemos contar com o mal da inveja na imensa seara da sociedade humana. E quem sabe se há pessoas que invejam a nossa felicidade? Tudo é possível e eu, assim como tu, devemos ir de encontro a esse mal, se, por ventura, desconformos dele. E como nós, outro tanto deverão fazer as pessoas que desejem manter a inviolabilidade da sua felicidade. E' assim que deve ser.

Muitos beijos e abraços da
Tua amiga muito íntima
3/7/1946.
Maria Margarida.

UM IMPORTANTE TORNEIO de tiro aos pratos

Como estava anunciado realizaram-se no passado domingo as duas provas de tiro aos pratos, promovidas pelo Club de Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, no parque de jogos da Estância de Turismo da Penha, com a assistência de toristas do Porto, Braga, Famalicão, Pevidém, Amarante, Penafiel, Paredes, Taipas, Santo Tirso, Felgueiras, Marco de Canaveses, Vizela, Guimarães, etc.

Pelas 11 horas, realizou-se a prova para disputa da taça «José Guimarães», a que concorreram 39 atiradores, sendo a classificação a seguinte: 1.º António Moura Bastos (Amarante) 7/7; 2.º Jacinto Leão (S. M. de Campo) 8/10; 3.º João Machado da Silva (S. M. Campo) 7/10; 4.º Manuel Pereira Osório (S. M. Campo) 8/9.

Pelas 18 horas realizou-se a grande prova para disputa das taças «Club de Caçadores de Guimarães», «Turismo» e «Confraternização» a que concorreram 57 atiradores, sendo a classificação a seguinte: 1.º Angelo de Freitas (Pevidém) 25/25; 2.º Jacinto Leão (S. M. Campo) 28/30; 3.º José Barros (Paredes) 27/30; 4.º Eng.º Anrade de Sousa (Penafiel) 24/25; 5.º Vitorino Pereira (Marco de Canaveses) 21/25; 6.º Miguel Ferreira (Famalicão) 18/20.

Mocidade Portuguesa

Em inspecção à Ala da M. P., em Guimarães, esteve nesta cidade o Sr. Fernando José de Matos, do Comissariado Nacional, que retirou para Lisboa, manifestando o seu apreço pela obra realizada na nossa cidade.

Nova Doutora

A nossa gentil conterrânea Sr.ª D. Helena Vieira de Faria acaba de concluir, com muito brilho, a sua formação, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, pelo que lhe apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

O valoroso e conhecido médio-centro do Vitória — Zeferino Duarte — teve, como estava anunciado, no domingo, no Campo da Amorosa, a sua festa de despedida, e viu reunidos à sua volta, numa manifestação de verdadeira e merecida simpatia, muitos desportistas que tributaram e ainda tributam verdadeira admiração às suas magníficas qualidades de jogador.

Zeferino Duarte enquanto ocupou o seu posto no primeiro *team* do Vitória — e fê-lo durante muitos anos — sempre se revelou um jogador com verdadeiro apego à luta e cheio de intuição, creditando-se como um sólido valor. Na sua longa carreira defrontou muitas vezes as mais categorizadas equipas nacionais e em vários encontros deixou bem vincada a sua forte personalidade de verdadeiro ás do futebol regional.

A sua festa de despedida consistiu num jogo de futebol, em que se defrontaram o Vitória e o F. C. do Porto — grupo este onde iniciou a sua carreira aquele desportista — e cujo resultado foi favorável aos vimearense por 4-2.

A tarde verdadeiramente canicular que se apresentou não permitiu que todos os admiradores do homenageado ali pudessem comparecer, embora em espírito nenhum tivesse faltado.

A' noite, Zeferino Duarte fez reunir em jantar de confraternização os seus companheiros da equipe, acto que deu motivo à troca de vários brindes de exaltação da personalidade daquele valoroso jogador, ao qual «Notícias de Guimarães» deseja as felicidades de que é bem digno.

J. G. F.

Pedem-se providências

Na Rua de Santo António — uma das mais centrais da cidade — próximo à Estação do Correio, o grotio vem cometendo dia a dia verdadeiras tropelias, que não estão de acordo com os costumes de uma terra com foros de civilizada.

Umas árvores de fruta que ali existem são vítimas permanentes do garotio, teimoso e malcriado, que, sem respeito por ninguém e numa desfaçatez irritante, as apedreja impiedosamente, pondo em risco a própria segurança dos transeuntes.

Urge que a Polícia — que raro se vê por essas paragens — estenda para ali as vistas, pondo energeticamente cobro àquele verdadeiro abuso, que não pode tolerar-se por mais tempo.

Obras Municipais

Esteve, há dias, nesta cidade o Sr. Arquitecto-Urbanista, David Moreira da Silva, que juntamente com o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, tratou de vários assuntos de interesse local.

Procedeu-se à escolha do terreno para a construção do Matadouro, nesta cidade, cuja falta tanto se faz sentir.

— Esteve no Porto o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, que nos Serviços de Urbanização do Norte, tratou da construção do Bairro de Casas para Pobres, cujo projecto foi remetido à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Lisboa, para sua aprovação.

Aquele Bairro será constituído por 50 casas, distribuídas da seguinte forma:

40 casas do tipo A (5 divisões); 10 casas do tipo B (6 divisões).

Importa a sua construção em 1.130 contos, comparticipando o Estado com 500 contos.

O encargo para a Câmara é grande, sem dúvida, pois além da sua comparticipação na construção, terá de adquirir os terrenos necessários para que o Estado nada contribui, mas a verdade é que a obra é necessária e urgente.

Pena é que as entidades particulares não procurem auxiliar esta obra grandiosa de edificação de casas para pobres, visto o Estado comparticipar com 10.000\$00 para cada casa.

Aqui fica o alvitre.

Teatro Jordão

Quarta-feira, 10, às 21 1/2 horas:

UM BOM FILME PORTUGUÊS

O Violino de João

que decorre no curioso ambiente do circo e no meio cigano.

Principais intérpretes:

Ada Luftmann ~ Igrejas Gaeiro ~ João Villaret.

Sexta-feira, 12, às 21 1/2 horas:

Uma encantadora comédia com excelente interpretação.



Exclusivo da
Sapataria Vimearense
Rua da Rainha, 82
GUIMARÃES

Dr. Fernando Pizarro Almeida

Na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa concluiu brilhantemente a sua formatura o nosso distinto conterrâneo e amigo Sr. Dr. Fernando Pizarro de Almeida, filho do nosso querido amigo e talentoso Advogado e Escritor Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, motivo por que lhe apresentamos, assim como a seus pais as nossas sinceras felicitações com os melhores votos das maiores prosperidades.

Visita da Direcção da FNAT a Guimarães

No passado sábado esteve em Guimarães o Sr. Dr. Moreira Baptista, que em nome da Direcção da FNAT, se deslocou à nossa cidade, a fim de estudar a instalação dos serviços em Guimarães.

virem o seu progresso e engrandecimento, devendo-lhe muito as suas instituições de caridade e religiosas como a Irmandade de Nossa Senhora da Penha, da qual tem sido um alto benfeitor; sei que é o chefe e fundador dessa importante firma Tecidos Ferreira Sousa, Lda, da rua Visconde Luísa, 56, da qual também são sócios seus irmãos João, Pedro e Arnaldo e seus filhos Albano e Francisco, e sei também que é um compatriota dos que mais honram a sua terra e a sua Pátria, dos que mais a honram e melhor a sabem honrar porque o seu nome não aparece em movimentos onde a vaidade esteja acima das boas intenções. E' destes portugueses — que ainda os há, felizmente — que seguem a verdadeira doutrina de Cristo: «que a mão direita não saiba o que a esquerda fizer».

Tudo isto eu sei, mas como a descrição de Guimarães prosseguirá no próximo domingo, deixemos o resto para o número daquele dia.

(Transcrição do nosso prezado colega Voz de Portugal, do Rio de Janeiro).

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
No dia 8, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães; no dia 9, o nosso prezado amigo sr. Augusto Mendes; no dia 12, o nosso bom amigo sr. José Francisco da Silva; no dia 14, o estimado vimaranense e nosso prezado amigo sr. Dr. Zélio Ribeiro Jorge; no mesmo dia, os nossos prezados amigos sr. António Pimenta Júnior e Luís Pimenta.
«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Com sua esposa encontra-se a veranejar nas Pedras Salgadas o nosso querido amigo e distinto Escritor e Economista sr. Dr. Nuno Simões.

Com sua esposa encontra-se a veranejar no Vidago o nosso querido amigo e importante industrial sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Também parte depois de amanhã para o Vidago, a fazer cura de águas, o nosso querido amigo e distinto conterrâneo sr. Albano de Sousa Guise, que há dias regressara a esta cidade.
Partiu para Caldelas o também nosso prezado amigo e importante industrial sr. Antero H. da Silva, prestigioso vice-presidente do Vitória Sport Club.

Com suas famílias encontram-se a veranejar na Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos sr. Dr. Alberto Rodrigues Milhão, Dr. Júlio Soares Leite, António da Silva Xavier, Gaspar Ferreira Paúl, Francisco Matos Chaves, David Cepa, Ernani Silva Guimarães, António Pimenta Júnior, Paulino de Magalhães, Francisco Ribeiro Pinto, António Teixeira de Sousa, António Neves, José António Xavier de Matos Guimarães, António Bourbon do Amaral, Tenente Alberto Carvalho Melo, Augusto Mendes, Miguel Teixeira, Florêncio de Matos, Abílio José Pimenta, de Serzedelo, José Maria Feliz Pereira, Augusto Aguiar e Jerónimo Teixeira de Carvalho.

Regressou de Caldelas o nosso prezado amigo sr. Francisco da Cunha Mourão.

Com sua esposa regressou do Gerez o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. J. Severo de Sousa Guise.

Com sua família partiu para Espinho o nosso prezado amigo sr. Anibal Dias Pereira.

Regressaram a Lisboa os nossos prezados conterrâneos e amigos sr. José de Sousa Guise e Joaquim Alberto César.

Partiu para Caldelas o nosso bom amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

Encontra-se em Ancora a família do nosso bom amigo sr. Amadeu Guimarães.

Do Sanatório do Caramulo, onde se encontrava há bastante tempo e de visita a sua família, encontra-se nesta cidade o nosso estimado amigo sr. João Soares Barbosa de Oliveira, que já se encontra quase completamente restabelecido, com o que muito folgamos.

acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Eduarda de Sousa Guerra Marreiros e de seus três filhinhos, chegou a Luanda, no dia 26 de Junho último, a bordo do vapor «Nova Lisboa», o sr. Dr. José da Silva Marreiros, digno escrivo de Direito em Malanje.

Regressou de Angola o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Sargento Júlio Mendes.

Tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote Rev. Dr. António de Castro Xavier Monteiro.

Esteve entre nós, de visita a sua família, o nosso prezado amigo sr. Francisco de Salles Leite da Silva, digno Aspirante de Finanças em Valpaços.

Parabéns

Endereçamo-las ao menino Francisco José Ribeiro Jordão, filho do nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão, por ter feito o seu primeiro exame de instrução primária.

Doentes

Em Felgueiras tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo e hábil ornamentista sr. Constantino Lira. Desejamos as suas rápidas melhoras.

Tem passado incomodado o nosso bom amigo sr. Joaquim de Sousa Pinto, a quem desejamos rápidas melhoras.

Nascimento

Teme a sua «délivrance», dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado camarada e amigo sr. J. Gualberto de Freitas.
Parabéns.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Comunicação

Avisa-se o público, de que as ca-

pitagens de géneros de mercearia adaptadas para o mês de Junho, do corrente ano, são as seguintes:

GRUPO A (Urbano) — Açúcar, 450 grs.; Arroz, 400 grs.; Massas, 150 grs.; Sabão, 250 grs.; Bacalhau, 200 grs.; Azeite, 0,3 lit.; Oleo, 0,2 lit.

GRUPO B (Rústico) — Açúcar, 250 grs.; Arroz, 400 grs.; Massas, 150 grs.; Sabão, 250 grs.; Bacalhau, 200 grs.; Azeite, 0,3 lit.; Oleo, 0,2 lit.

Confraternizando

Os furiéis milicianos Benjamim de Castro Alves Ferreira, Afonso Augusto da Costa, Américo Carlos Simões e Fernando Figueiredo, na disponibilidade e pertencentes ao Quadro Permanente das classes de 1941/1942, realizaram uma festa de confraternização no Bom Jesus do Monte, tendo aquela reunião decorrido num ambiente de mais franca camaradagem.

Pelo Ensino

Na segunda-feira, 8, termina o prazo para a entrega na secretaria do Liceu de Martins Sarmiento, dos documentos que dizem respeito aos alunos que têm de ser submetidos às provas de exame de admissão àquele Estabelecimento de Ensino.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

António Teixeira Faria de Andrade

Contando apenas 42 anos de idade e confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se no domingo, na sua residência à Avenida Conde de Margaride, o nosso estimado amigo e conceituado industrial, Sr. António Teixeira Faria de Andrade, que durante alguns meses soube suportar, com verdadeira resignação cristã, os cruciantes sofrimentos que precederam o seu triste passamento.

O saudoso extinto era casado com a Sr.ª D. Jerónima Ribeiro Dias de Andrade, de quem deixa 3 filhinhos de tenra idade; filho da Sr.ª D. Zulmira de Sousa Pinto Andrade; genro do Sr. Ilídio Ribeiro Dias e da Sr.ª D. Matilde de Freitas Ribeiro Dias; irmão da Sr.ª D. Margarida de Sousa Pinto e dos Srs. Alberto Teixeira de Faria Andrade e José Teixeira de Faria Andrade; cunhado das Sr.ªs D. Quitéria Ribeiro Dias e D. Mécia Ribeiro Dias Reis e dos Srs. Jerónimo Ribeiro Dias, Manuel Ribeiro Dias, Ernesto Ribeiro Dias, Ilídio Ribeiro Dias e António Francisco da Silva Reis; e sobrinho dos Srs. Damião de Sousa Pinto e Alberto de Sousa Pinto.

Contava o pranteado morto, nesta cidade, as maiores simpatias conquistadas pelas excelentes qualidades de que era possuidor, sendo por isso geralmente sentida a sua morte.

Filho estremo, esposo dedicado, pai amantíssimo, amigo leal, o Sr. António Andrade soube sempre impor-se à consideração de todas as pessoas que com ele de perto privavam.

Homem empreendedor, activo, prestável e apurado em todos os actos da sua vida, deixa mergulhada na maior dor sua estremosa família e profundamente conternada todas as pessoas que o conheciam, no número dos quais se contam os seus operários para quem soube ser, sempre, o melhor conselheiro e o mais dedicado amigo.

O seu funeral, realizado na segunda-feira de manhã na igreja da Misericórdia, foi uma afirmação bem notável do quanto o saudoso finado era querido por todos.

Entre a numerosa e selecta assistência viam-se pessoas de todas as camadas sociais e muitos operários, corporações civis e religiosas, instituições de caridade, Conferências de S. Vicente de Paulo, para cuja prosperidade o extinto muito contribuiu, Bombeiros Voluntários, etc., etc.

Presidiu aos officios fúnebres o Rev. Luis Gonzaga da Fonseca, digno Prior de S. Paio, acolitado por outros sacerdotes.

A chave do caixão foi entregue ao sócio do extinto, Sr. Francisco Pereira Coutinho, de Braga.

No préstio fúnebre, que acompanhou o cadáver ao Cemitério da Atouguia, incorporaram-se dezenas de operários e algumas dezenas de automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida.

Sobre a urna que encerrava os restos mortais do finado, foram colocados muitos ramos de flores com sentidas dedicatórias da família e de pessoas amigas.

A toda a família dorida apresentamos as mais sentidas condolências.

José Rodrigues Júnior

Na quarta-feira passada e na paroquial de S. Martinho de Candoso, celebraram-se officios fúnebres por alma do industrial Sr. José Rodrigues Júnior, cujo passamento noticiamos no nosso último número.

Por lapso deixamos de noticiar, no que respeita ao funeral, que a chave do caixão foi entregue ao Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Alexandre Soares de Araújo Abreu

Faleceu em Vila Cova, Lixa, o estimado proprietário Sr. Alexandre Soares de Araújo Abreu, casado com

a nossa conterrânea Sr.ª D. Beatriz Alves Ribeiro Gomes de Abreu; pai da Sr.ª D. Maria Soares de Abreu e do Sr. António Soares de Abreu; cunhado do nosso amigo Sr. António Alves Ribeiro de Abreu, estimado empregado na secretaria da V. O. T. de S. Francisco e do conceituado proprietário Sr. Fortunato Alves Ribeiro de Abreu e da Sr.ª D. Rosa Alves Ribeiro Gomes de Abreu.
A família enlutada o nosso pesar.

Missa do 1.º aniversário

Os filhos do saudoso Francisco Carvalho Melo mandam rezar uma missa por sua alma, amanhã, segunda-feira, às 8,30 horas, na capela de S. Francisco, em comemoração do 1.º aniversário da sua morte.

Vida Católica

Festividade na Costa — Decorreu com a maior imponência a festa realizada no domingo na freguesia de Santa Marinha da Costa, em honra do SS. Sacramento.

A parte coral e orquestra que abrihantaram os actos religiosos deixaram a mais agradável impressão. Remataram esses actos com uma bem organizada Procissão e a bênção do SS. Sacramento.

Na véspera, à noite, houve arraial queimando-se muito e vistoso fogo de artifício.

A festa foi abrihantada pela Banda dos B. V. de Guimarães e feita a expensas do respeitável vimaranense e nosso bom amigo sr. António José Pereira de Lima.

A Sapataria Vimaranesa

tem para V. Ex.ª, minhas Senhoras, os mais belos e elegantes modelos e o mais fino e variado sortido. Aconselhada está, portanto, uma visita à «Vimaranesa», na Rua da Rainha, 82 — Guimarães. 179

Beneficência do «Notícias»

Transporte	3.490\$00
Recebemos de um grupo de amigos com destino a uma família envergonhada, a quem já fizemos entrega, a quantia de . . .	50\$00
A transportar	3.540\$00

SOCORRO SOCIAL

Na Câmara Municipal e no mês de Junho, último, foram entregues para a Campanha do Socorro Social mais os seguintes donativos que, como os anteriores, se destinam exclusivamente a este concelho:

José Pinheiro Guimarães	350\$00
Manuel F. Porto Júnior	400\$00
Soma	750\$00
Recebido até 31 de Maio último, conforme nota já publicada	14.670\$00
Total	15.420\$00

A Comissão Concelhã do Socorro Social continuará a receber na Câmara Municipal os donativos com que as pessoas a quem foram enviadas as respectivas circulares queiram contribuir para aquele humanitário fim.

Laboratório de Análises

A propósito da inauguração do Laboratório de Análises no Hospital Geral de Santo António — assunto a que nos referimos já no nosso último número, — apraz-nos transcrever a circular que acaba de ser endereçada aos diferentes clínicos do nosso e de outros concelhos:

«Ex.ª Sr. Temo a subida honra de comunicar a V. Ex.ª que, a partir do dia 1 do próximo mês de Julho, o Laboratório de análises do Hospital Geral de Santo António, desta Misericórdia, vai entrar numa fase de pleno funcionamento, pelo que dele se poderá utilizar para a realização de toda e qualquer análise clínica.

Estamos certos de que, instalando um serviço destes, vamos ao encontro do interesse dos Ex.ªs Médicos, pois que uma iniciativa desta natureza vem preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir, no domínio da clínica, numa região do país tão excepcionalmente industrial e populosa como esta.

Evidentemente que uma tal iniciativa necessita do carinho e da melhor compreensão por parte dos Ex.ªs Médicos, pois só eles a poderão manter e fazer progredir.

Tivemos o cuidado de elaborar um

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE GUIMARÃES

EDITAL

Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves; Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

FAZ PUBLICO que, em cumprimento da deliberação tomada em reunião ordinária de 24 de Abril do corrente ano, foi aprovada a seguinte Postura sobre o estacionamento de veículos automóveis na área desta Cidade, publicada no «Diário do Governo» — II Série n.º 126 de 1 do mês corrente.

POSTURA

Artigo 1.º — Os automóveis ligeiros de aluguer, estacionarão nos locais a seguir indicados:

a) — Do lado Nascente do Largo do Tournal, ficando os veículos encostados à esquerda e com a frente para Norte;

b) — Do lado Sul do Largo do Tournal, ficando os veículos ao lado uns dos outros e com a frente para o Sul;

c) — No Largo dos Cestos, entre os números 57 e 66 de polícia, ficando os veículos ao lado uns dos outros e com a frente para o Norte.

Artigo 2.º — Os automóveis ligeiros particulares, estacionarão, no Largo do Tournal, nos locais a seguir indicados:

a) — Junto ao passeio do lado Nascente, ficando os veículos encostados à sua mão e com a frente para o Norte;

b) — Junto ao passeio do lado Norte, ficando os veículos encostados à sua mão e com a frente para Poente;

c) — Junto ao passeio do lado Poente, ficando os veículos encostados à sua mão e com a frente para Sul;

Artigo 3.º — E' proibido o estacionamento a quaisquer veículos, nos seguintes locais:

a) — Rua de Santo António, entre o Largo do Tournal e os números 15 e 28 de polícia;

b) — Rua de S. Dâmaso, entre os números 139 e 74 de polícia;

c) — Largo 28 de Maio, desde o cruzamento com a Rua que dá acesso ao Largo da Condessa do Juncal, até ao número 69 de polícia;

d) — Rua da Senhora da Guia, entre os cruzamentos com os Largos da Oliveira e da Senhora da Guia, nos dois sentidos de marcha;

e) — Rua Francisco Agra, entre a Rua Gil Vicente e a Capela de Santa Luzia, nos dois sentidos de marcha.

Artigo 4.º — E' proibido o estacionamento de camionetes de passageiros e de carga nos seguintes locais:

a) — Rua de Paio Galvão, desde o cruzamento com a Rua Gil Vicente e com o Largo do Tournal, nos dois sentidos de marcha;

b) — Largo do Tournal, em todos os seus arruamentos laterais;

c) — Largo 28 de Maio — Jardim Público, em todos os seus arruamentos laterais;

d) — Largo Cónego José Maria Gomes, em todos os seus arruamentos laterais;

e) — Rua Nuno Alvares, entre o Largo Cónego José Maria Gomes e Avenida Alberto Sampaio, nos dois sentidos de marcha;

§ único — Provisoriamente, as camionetes de passageiros do concessionário João Ferreira das Neves poderão estacionar do Largo dos Cestos, no local onde presentemente o

fazem, não podendo permanecer mais de duas de cada vez e mais de 30 minutos antes da hora da partida ou depois da hora da chegada.

Artigo 5.º — O estacionamento dos veículos empregados no transporte colectivo de passageiros, far-se-á no Largo 28 de Maio, do lado Sul, no espaço compreendido entre os números 66 e 79 de polícia, ficando os veículos ao lado uns dos outros e com a frente para Norte.

Artigo 6.º — E' proibido o trânsito de veículos e animais, nas Ruas e nos sentidos de marcha, a seguir indicados:

Rua 5 de Outubro, no sentido Sul-Norte. Rua de Val-de-Donas, no sentido Sul-Norte. Rua Dr. Mota Prego, no sentido Nascente-Poente.

Rua Gravador Molarinho, no sentido Norte-Sul.

Rua dos Laranjais, no sentido Sul-Norte.

Rua Dr. Avelino Germano, no sentido Nordeste-Sudoeste.

Rua da Rainha, entre os Largos do Tournal e do Conselheiro João Franco, no sentido Poente Nascente.

Rua Dr. Avelino Germano, entre o Largo do Tournal e o L. da Condessa do Juncal, no sentido Nascente-Poente.

Rua de Santa Maria, no sentido Norte-Sul. Rua de D. João I, no sentido Poente-Nascente.

Rua de Camões, no sentido Nascente-Poente.

Rua de Traz de Gaia, no sentido Norte-Sul.

Rua das Lameiras, no sentido Norte-Sul.

Rua de Traz dos Oleiros, no sentido Nascente-Poente.

Arruamento do lado Nascente do Largo do Tournal, no sentido Norte-Sul.

Arruamento do lado Norte do Largo do Tournal, no sentido Poente-Nascente.

Artigo 7.º — A infracção de qualquer das disposições desta Postura será punida com as multas da forma seguinte:

a) — Com a multa de 20\$00 as transgressões às disposições das alíneas a) e b) dos artigos 1.º e 2.º.

b) — Com a multa de 100\$00 as transgressões ao disposto nos artigos 3.º e 4.º.

c) — Com a multa de 50\$00 as transgressões ao disposto no artigo 6.º.

Artigo 8.º — As importâncias das multas darão entrada nos cofres do Estado, nos termos do § único do artigo 147.º do decreto n.º 18.406, de 31 de Maio de 1930.

Artigo 9.º — Esta Postura entra em vigor depois de sinalizados os locais a que se refere e de cumpridas as formalidades mencionadas no artigo 53.º do Código Administrativo.

E para constar e não haver ignorância se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 19 de Junho de 1946.

O Presidente da Câmara Municipal,

Fernando Manuel de Castro Gonçalves.

preçário que estivesse de harmonia com o que vigora nos Laboratórios das cidades mais próximas, dando, como é uso, todas as facilidades e fazendo os descontos que os Ex.ªs Médicos entenderem estar de acordo com as disponibilidades financeiras dos seus doentes.

Inicialmente o Laboratório funcionará às 2.ªs e 5.ªs feiras; contudo, quando o movimento o justificar, funcionará igualmente aos sábados e, eventualmente, também em outros dias da semana.

Esperando de V. Ex.ª um justo acolhimento para esta iniciativa, concorrendo, assim, para o seu desenvolvimento, subscrevemo-nos com a máxima consideração.

Guimarães, 23 de Junho de 1946.

O Provedor,
Mário de Sousa Meneses
O Director do Laboratório,
Edgar Botelho Montiz
(Médico)

Um Melhoramento em Azurém

A Junta da Freguesia de Azurém, inaugurou no 3.ª feira, com certo brilho, um melhoramento de muita utilidade para a freguesia; — o prolongamento da luz eléctrica, desde a Rua Cap. Alfredo Guimarães até ao lugar da Pêgada de Cima — velha aspiração do povo de Azurém.

Do acto inaugural, que foi festejado com girândolas de foguetes e outras manifestações festivas, presidiu o Rev. José F. Ribeiro, pároco da referida freguesia, com a assistência de toda a Junta e muito povo.

O paroquiano Sr. José Cosme leu uma mensagem de congratulação, felicitando vivamente a Junta pelo seu esforço em prol de tão grande benefício.

Sobre o mesmo assunto falou o

Rev. José Ribeiro, a quem o povo cobriu de flores e aclamou vibrantemente.

Outros melhoramentos se projectam fazer na freguesia, como a construção de uma nova escola e o arranjo do velho caminho da Madre-de-Deus.

Está, pois, de parabéns a incansável Junta daquela freguesia, a quem queremos agradecer o convite que nos dirigiu e felicitar pela sua magnífica acção em prol do engrandecimento de Azurém.

Guarda-livros diplomado

Accepta pequenas escritas. Dias e horas a combinar. Carta a D. A. S. — Gondar - Pevidem. 178

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

Livros & Jornais

Viagem à Lua = por Freitas Soares.

Freitas Soares acaba de publicar o seu duodécimo livro. Desta vez, o poeta recorre à imaginação romanesca para ligar as suas quadras, pelas quais, como sempre, perpassa o lirismo que todos sobejamente conhecem através das suas obras. O autor dos «Lusos» teve uma ideia e, em volta dessa ideia, tecer quase toda a poesia deste livro.

A ideia é a seguinte: Num trono aureolado, encontra-se a rainha das deusas. Arma-se o melhor trono no satélite da Terra e a própria Lua, entusiasmada com semelhante recepção, põe Vénus tão linda e com tanto esplendor como os poetas de todos os tempos no-la têm descrito. Espera-se a Embaixada dos poetas. E eles lá vão, os principais líricos da nossa Literatura, depor os seus ramalhetes de desabaços, de doces recordações de meigas doências, perante a divindade que tudo compreende e que é capaz de perdoar os mais loucos pecados do coração. Eis alguns nomes que o poeta, como repórter desta Embaixada, colheu entre tantos e tantos outros e apontou em quadras, como se o fizesse no seu «carnet»: Gil Vicente, Camões, Augusto Gil, Castilho, Garret, Agostinho de Macedo, Pedro Andrade Caminha, Bocage, Alexandre Herculano, João de Deus, Júlio Dinis, Antero de Quental, Soares de Passos, Gomes Leal, Junqueiro, António Nobre, Florbela Espanca, Branca da Gonta Colaço, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, etc., etc. Discordamos do ponto de vista de Freitas Soares no que respeita a Junqueiro. Junqueiro, nesta Embaixada, não devia levar sobraçado o livro «Oração ao Pão», mas sim, talvez, «Os Simples». Em «Oração ao Pão», pelo menos para nós, é mais panteista do que lírico. Todos estes poetas são «poetas do amor», como muito bem lhe chama Freitas Soares. Cantaram-no e sentiram-no fervilhar no seu sangue e na sua ideia. Freitas Soares é também um poeta do amor. Por isso, sente-se bem a falar desta Embaixada, a relembrar as suas obras, a focar os seus nomes — nomes que fulguram na nossa História Literária entre outras estrelas de coruscante esplendor. Ouçamos o poeta:

O amor é um sol que aquece
A fria sombra, a tristeza;
É um bem que nunca esquece
Sua missão de Beleza.
Que perfume inspirador,
O' Rosas da minha Terra:
Eu tanjo a Lira do Amor
Que meu coração encerra.
Coração apaixonado
Guarda culto à Mulher
— Para quem ama e é amado
Haverá maior prazer?...
E mais adiante:
Meu amor intemerato
Não teme rudes abrolhos:
Trago o teu doce retrato
Nas meninas dos meus olhos.
Por amor também te peço:
Nos teus olhos leva o meu
Retrato, que te ofereço,
Do amor que não te esqueceu.
Os teus olhos diamantinos
São a luz dos olhos meus,
Dos meus olhos peregrinos
Dessas estrelas dos céus.

— Edição do autor.

Os cardos do Baragan = por Parnat Istrati.

Este romance lembra, de repente, o castigo divino para com os nossos protoparentes: «Danharás o pão com o suor do teu rosto». Na verdade, o povo romeno, antes da revolução agrícola de 1907, não ganhava só o pão com o suor dos seus rostos, porque o pão não se ganha quando a terra, mirrada pela longa estiagem, nada produz; antes morria de penúria, suando sangue de aflições, de desgostos e pesares. Parnat Istrati descreve-nos, em autobiografia, os negros dias dessa época, que foram os da sua mocidade. Em pequeno, no Borcea, dedicava-se com os pais à pesca — trabalho mal remunerado, porque nem para pão chegava. Ao saberem, depois de uma viagem em que foram vender o peixe, que a mãe tinha morrido, pai e filho ficam de criados numa propriedade. O Baragan atrai-o. Quer sentir-se levado como os cardos, cuja semente o vento agreste de Setembro impele não se sabe para onde. Fogé. Ele próprio o diz: «Cada qual tem o seu destino. Se o meu mudou completamente, se hoje faço o que quero em minha casa e na minha terra, é em grande parte aquela irreflexão de menino desobediente que o devo.» Nada o atormentou. Nem o «crivat», nem a surpresa, nem o desconhecido, nem a fome, nem Três-Casais em chamas. Uma vez, a sua pena tem litânias de desgostos, de duros trabalhos e pesadas canceiras; outras vezes, tem a poesia dos horizontes valaques, cantando em poema a fúria dos ventos, o turbilhão dos cardos, a nostalgia do povo e as ansias da sua mocidade. «Os cardos do Baragan» é um dos bons romances da colecção «Romances Célebres». (Editorial Gleba, Lda — Lisboa).

F. T.

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Está publicado o fascículo n.º 164 desta monumental obra de divulgação

Julgamentos

No Tribunal da nossa comarca respondeu em audiência de Tribunal Colectivo, António Manuel Pereira da Silva «o Sangorita», de 29 anos, solteiro, empregado comercial, da freguesia da Fonte Arcaia, comarca da Póvoa de Lanhoso, acusado dos crimes de furto praticados por meio de arrombamento em Dezembro e Janeiro últimos, nos armazéns das firmas Fernando Almeida & C.ª e J. Carvalho Melo, desta cidade, donde furtou várias colchas de seda, nos valores respectivamente de 440\$00 e 4.500\$00.

O Tribunal deu como provados os dois crimes, e porque o réu é reincidido, condenou-o na pena de 6 anos de prisão maior celular, ou, na alternativa, em nove anos de degredo, e em 9 meses de multa a 2\$00 por dia, e em 1.100\$00 de imposto de justiça e demais encargos impostos por lei, nas indemnizações às firmas acima referidas, respectivamente, de 440\$00 e 4.500\$00. O réu, que se encontra preso desde 16 de Março último, recolheu à cadeia.

— Respondeu, também, acusado do crime de furto, praticado na oficina de sapataria de Arnaldo de Oliveira Martins, à Rua de Francisco Agra, desta cidade, onde era empregado, Delfim Fernandes, solteiro, sapateiro, da freguesia da Costa, desta Comarca. O Tribunal não deu como provado o crime, que o réu negou ter praticado, pelo que foi absolvido.

Se calçar bem é uma nota de distinção, não deixe V. Ex.ª de ser distinto. Visite a **Sapataria Vimaranes**, onde encontrará a elegância aliada ao bom gosto, em calçado de todos os géneros. Rua da Rainha, 82 — Guimarães.

cultural e científica, que continua a sair com extraordinária regularidade e se aproxima do termo do 14.º volume.

Profusamente ilustrado no texto e acompanhado de uma estampa a cores muito bela, reprodução de um código iluminado raríssimo, este fascículo insere colaboração de extremo valor. Destaca-se, em primeiro lugar, a dedicada à cidade de Lamego, pelo eruditíssimo arqueólogo A. de Almeida Fernandes no que se refere à história da vetusta cidade e pelo brilhante escritor e investigador nortenho Dr. Carlos de Passos, no que se refere à descrição dos seus monumentos. O vocábulo *lampada* é outro dos que aparecem desenvolvimentos, na parte electrotécnica pelo Eng.º Professor Frederico Oom, e na parte T. S. F., assunto ainda não tratado em qualquer enciclopédia, pelo ilustre especialista Eng.º Bortaldo Machado. Ainda os Professores Mendes Correia, Cunha Gonçalves, João de Vasconcelos, Baeta Neves, Manuel Vaiaçares, Abreu Figanier, Torre de Assunção e Peres de Carvalho, os Doutores Nuno Simões, (com um notável artigo sobre *lanifícios*) António Sérgio, Travassos Vaidez, Júlio Gonçalves, Henrique Soares, Otero Ferreira, Pedro Godinho, Dias Amado, e especialistas da categoria do Almirante Correia Pereira, Tenente Coronel Raul Rato, Coronel Ribeiro de Almeida, Manuel Mendes, Fernando Fragoso, Gomes Monteiro, Augusto Casimiro, Cruz Filipe, Guimarães Daupiais, Castro Lopes, Eduardo Moreira, Padre Miguel de Oliveira, etc., prestaram valiosíssima colaboração inédita e especial para este sensacional fascículo em que se contem todos os vocábulos que vão de *Lamaçais* e *Laplada*.

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira mantém inalteravelmente as mesmas condições do preço de assinatura e de venda. Estão já completos 13 volumes, com mais de 13.000 páginas excelentemente colaboradas por professores, técnicos, artistas, escritores e publicistas, que em trabalhos inéditos divulgam os mais variados assuntos do complexo conhecimento humano. Todos estes volumes, ilustrados com milhares de gravuras e centenas de estampas coloridas e primorosamente encadernadas, são oferecidos pela empresa (Editorial Enciclopédia, Lda, Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa) à aquisição por todos os estudiosos e eruditos por meio de pagamentos suaves, o que facilita a posse de, um valioso instrumento de cultura em todas as bibliotecas.

Recortes da «Índice»

Recebemos os recortes desta semana da «Índice», acreditada Empresa de Recortes dos Jornais. Como até aqui, a «Índice» prima pela excelente apresentação e metódica dos seus trabalhos, vindo os recortes colados em bonitos impressos, a jeito de formarem úteis colecções ou figurarem em arquivos.

A «Índice», que tem por missão recortar dos jornais, para os seus assinantes, os assuntos que a estes interessam, é recomendável como auxiliar precioso em todos os ramos da nossa actividade, e tem os seus escritórios na Rua do Trombeta, 10 Lisboa.

Marcha Gualteriana

Ten'lo feito uma visita a um dos salões da nossa Escola Industrial e Comercial, onde se está a confeccionar a Marcha, fiquei surpreendido com a quantidade de bonecos já prontos.

O entusiasta cicerone, Alberto Laranjeiro, faz-nos a demonstração da equipagem eléctrica por efeito de pilhas, o que será surpreendente.

A confecção da mesma, este ano a cargo de Alberto Lobo, tem mimo, graça, beleza, pois é feita com aquele espírito de artista, que o é.

Os irmãos Ferreiras, continuam a ser os decoradores, dando-lhe os traços para complemento das figuras, assim como vários auxiliares, rapazes do Comércio.

José de Pina, o mestre, o orientador, a um canto estuda os desenhos e indica aos rapazes da Comissão, a decoração dos carros alegóricos.

Já há muitos anos que venho cooperando na Marcha — então *Milaneza*, hoje *Gualteriana* — mas tenho de confessar que este ano é simplesmente assombrosa.

Para aqueles que sempre a têm apreciado ficarão encantados, para os que nunca tiveram a dita de a ver ficarão estupefactos, maravilhados de tanto colorido, tanta bizarria, tanta luz, movimento e graça, que nos cativa e entusiasma.

Faz quarenta anos que pela primeira vez se realizaram as nossas Festas.

A *Marcha*, trinta e nove. Quanto dispêndio de energias foi preciso para conquistar o nome e a fama de que elas gozam, enquanto outros têm inaqueado por aí além esta *Marcha*, tendo contribuído para a apoucar, ra-

Pensão da Montanha--PENHA

A Pensão da Montanha para corresponder ao interesse manifestado pelos seus Ex.ªs Clientes, no passado domingo, apresenta hoje, dia 7, ao almoço, a seguinte ementa:

- Aperitivos,
- Arroz à Valenciana,
- Leitão assado,
- Frutas variadas,
- Vinho da região.

O Proprietário, Joaquim da Silva.

AGENTE

Relacionado com fábricas de tecidos de algodão, necessita-se para efectuar compras. Resposta a J. C., Avenida Defensores de Chaves, 39-2.º, Lisboa.

zão por que resolvemos ao perfar os vinte e cinco anos (bodas de prata em 1932) mudar-lhe o nome para «Marcha Gualteriana» porque ela é nossa, muito nossa, sem confronto de espécie alguma.

Vimaraneses, com orgulho vamos uma vez mais fazer desfilar pelas nossas ruas essa onda de luz, fogo e colorido, esse cortejo maravilhoso.

Mais uma vez com baírrismo
A nossa Marcha, que linda!
Não é preciso heróismo
Só amor, que jamais finda!

Aurélio Martins.

ESTEVE EM FESTA O Club Recreativo do Pevidém

(Retardado)

Pevidém, 26 — Pela passagem do 10.º aniversário do Club Recreativo do Pevidém, no pretérito sábado, 25 de Junho, foi oferecido aos sócios, na sede desta agremiação, um «Porto de Honra», que decorreu com muita ordem e comedimento. Antes, procedeu-se a uma homenagem em honra do actual Presidente da Mesa directiva, Sr. João de Castro, ao sócio já falecido, Sr. João de Faria, sendo desceradas 2 fotografias destes homenageados e oferecendo-se a um filhinho do saudoso João de Faria, que ali esteve, um colar de ouro e ao digníssimo Presidente, uma pasta onde estão gravadas palavras de elogio e gratidão à sua actividade e desvelo pelo Club, como, mais desenvolvidamente foi exposto numa mensagem que lhe foi lida e que ele guarda para recordação do preito honorífico prestado pelos seus concóios.

Estando presentes quase todos os sócios, a digna Direcção, constituída pelos Srs. João Ferreira, Fernando José Ribeiro de Abreu e João de Castro, este iniciou a festa com um discurso que mereceu relevo pela sua proficiência, riqueza de linguagem e elevação de conceitos.

O acto assumiu proporções de grande festividade, presenciado-se ali uma numerosa assembleia, toda irmanada dentro dnm ideal arregaadamente associativo e em cujos rostos transparecia profundo contentamento.

Outros discursos foram proferidos, os quais, se outro valor não tivessem, assistiu-lhes, pelo menos, o direito de sublinhação pela veridica de que estavam impregnados, referentemente ao panegirico com que os seus autores tentaram (e com justiça) enaltecer as qualidades e o mérito dos homenageados.

O Sr. João de Castro, dissertou na seguinte ordem de ideias:

«Presados concóios: — Ao proceder à abertura da sessão solene com que pretendemos comemorar o 10.º aniversário do Club Recreativo do Pevidém, colectividade a que tenho a honra de presidir, cumpre-me apresentar os meus sinceros agradecimentos pela Vossa distinta presença, sem a qual esta festa não poderia atingir o brilho que merece e que nós, dentro da esfera das possibilidades, pretendemos imprimir-lhe.

O nosso desejo seria que esta data tão significativa, fosse comemorada numas instalações mais amplas e confortáveis, que melhor se compatibilizassem com a categoria social a que pertencemos, para desta forma prestar-vos as honras que mereceis na qualidade de células vitais desta agremiação.

Infelizmente, se esse desejo não é hoje, ainda, um facto, não é porque qualquer das direcções passadas e presente tenham descurado tão importante assunto, que quasi constitue o nosso sonho dourado.

Não; todos os que tem passado pelas cadeiras directivas, imprimiram o máximo das suas possibilidades em prol de tão justas aspirações, mas os limitados recursos em que esta agremiação tem vivido e a sensível falta de edificios com condições para o fim que pretendemos dar-lhe, tem feito com que todas as tentativas resultem infructíferas.

Porém, a insuficiência que apontei não altera nem diminui o interesse e o entusiasmo desta festa.

São 10 anos de actividade longa e trabalhosa que pretendemos comemorar, 10 anos de labutas, canseiras e de adversidades sem conta, que por vezes nos fizeram passar momentos de angústia, mas que nós, firmes como rochas, conseguimos sempre debelar.

São 10 anos de trabalho que quando mais não simbolizem, representam claramente o alto espirito de camaradagem que nos embala suavemente, numa promessa dum futuro venturoso.

Para tal, basta que conservemos entusiasticamente no peito a confiança na nossa vontade e eis tudo.

Se o homem pode na proporção em que quer, e a questão é saber o que quer, nós sabemos bem o que queremos e como tal, para onde caminhamos.

Para ver-mos realizados os nossos objectivos é necessário agir decididamente, com optimismo, formando um bloco indestrutível, capaz de vencer qualquer obstáculo, seja qual for o seu grau de densidade.

Assim unidos, lutando ardorosamente, poderemos demonstrar um dia aos cépticos e exemplificar aos pessimistas, que a indecisão não encontra em nós campo para desenvolvimento da sua acção nociva.

É aos novos, especialmente que me dirijo, lembrando-lhes os seus deveres e pedindo-lhes que de alma e coração se dediquem pelo progresso e glorificação do nosso Club, evitando atritos e desarmonias, numa demonstração convincente do quanto pode a sua juventude.

É necessário progredir, a fim de dar-mos seguimento a uma obra que tão bem intencionalmente foi creada, e que esse progresso traduza o sentimento fraternal que nos deve unir, sem distincções.

Demonstraremos assim, que não se apagou ainda em nós aquela fé tradicional que herdamos, aquela fé que conduziu os nossos antepassados às conquistas e descobertas, numa gloriosa epopeia por outros nunca igualada, e que ha-de guiar-nos através de



COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ARREMATACÃO

2.ª publicação

No dia 10 do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, há-de proceder-se em hasta pública, na Fábrica do Veleiro, sita na viela da rua de Couros, freguesia de São Sebastião, desta cidade, à arrematação de diversos maquinismos e utensílios, uma arma de dois canos e o direito e acção a um dezasseis avos de um automóvel «Ford», os quais serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima do valor que lhes foi atribuído, conforme autorização concedida em autos de Requerimento para autorização da venda de bens de menor, apensos ao Inventário a que procedeu por falecimento de Alberto Pereira Mendes de Oliveira, casado que era com a inventariante D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes de Oliveira, desta cidade.

Guimarães, 26 de Junho de 1946.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
João Leal.

LIVROS



PERFUMARIAS

todas as adversidades, até à efectivação das nossas lídimas aspirações.

É minha convicção que o meu apêlo será por todos compreendido, tanto mais que a festa a que assistimos é já uma prova de que valores novos se estão a revelar.

Não sinto dúvida alguma em fazer semelhante afirmação, porque os factos, melhor do que as palavras, concretizam-me.

A realização desta simbólica festa, deve-se, como sabem, à vontade firme e dinâmica do nosso presado concóio sr. Eduardo Ferreira que, em colaboração com o sr. João Araújo e merced de grandes labores conseguiram que a comemoração deste aniversário fosse um facto.

Sabendo que a Direcção não tencionava organizar esta manifestação festiva, não por falta de vontade nem por querer eximir-se a trabalhos, mas simplesmente por lutar com falta de recursos financeiros, eles sentiram vibrar o seu grande amor clubista e, numa arrancada decisiva, conseguiram, com o apoio dos seus concóios, que esta simbólica data não passasse despercebida.

São dignos do nosso reconhecimento, pela sua iniciativa e pela forma airosa como conseguiram desembaraçar-se da sua ingrata missão.

Ingrata, porque infelizmente nem todos compreendem bem o significado destas coisas.

Uns por espirito de contradição, sempre aptos a lutar contra tudo quanto represente o progresso, outros porque realmente, não estão ao alcance de reconhecer certos factos.

Mas como «dos fracos não reza a História», são nossos votos que a atitude tomada seja um modelo para novas iniciativas.

Esperando da vossa benevolência que me desculpeis esta sincera apreciação, termino, solicitando que me secundéis numa saudação calorosa pelas prosperidades do nosso Club, com desejos que esta festa se repita com a mesma camaradagem e alegria que hoje se revela.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

Telegramas: AMORAS PORTO e LISBOA
A. J. GONÇALVES DE MORAES, L. DA
Casa Fundada em 1894
DESPACHOS, BARCAGENS, TRANSITOS e AGENTES DE NAVEGAÇÃO
Sede: R. da Nova Alfândega, 18 — PORTO
LISBOA
Filiais: R. CARVALHO ARAÚJO, 66 Telef. 12 MATOSINHOS R. S. PAULO, 26-1.º Telef. 29542 e 24080

CAMIONAGEM
Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES DE NAVEGAÇÃO
CASA FUNDADA EM 1882
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO
Telefones 78 e Estado 57 CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
CASA CHAFARICA (REGISTADA)
Largo do Toural, 70 a 73
Telefone N.º 4306 GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de: Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de: Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Botaria do Banco Borges & Irmão.
Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS.